

VIVA O ANO NOVO

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

*“A sorte respeita os valentes e
oprime os covardes”*

Sêneca

Não é a mudança de 31/12 para 01/01 que traz esperanças, ou sorte. É a realidade da conjuntura ou o medo do desastre. Talvez às vezes a luz da oportunidade, que faz o animal político tomar posição. Não é o senso de urgência ou a visão de longo prazo que seriam as forças que empurram a decisão, mas, sim, o foco do curto prazo ligado à sobrevivência política da situação no poder. Esse poder, sim, sempre é o foco de manutenção, à situação e, teoricamente, da luta por possuí-lo, da oposição.

O ano de 2012 foi resultado, assim como 2011, de uma soma de fatores indesejáveis e, em parte, incontroláveis (clima, crise externa). Do lado dos fatores indesejáveis, a falta de investimentos, filha do casamento de políticas públicas que desencorajam o setor privado com os preconceitos do governo (que são a âncora do atraso e de resultados pífios), sendo apadrinhados pela ausência de compromissos claros entre o setor privado e o público.

Isso é um absurdo, principalmente por se estar referindo ao campeão potencial mundial da produção de alimentos e de energia renovável de um mundo que o convocou, Brasil, para responder por 40% do necessário aumento de oferta de produtos do agronegócio até 2050! Foi em 2012 que os países ricos, através de sua organizada entidade, OCDE, e a FAO, que pediram isso.....o Brasil foi “tirado para dançar”, ou, de outra forma, seduzido para ser líder global do crescimento do agronegócio! E isso não é pouco.

Em 2012 viu-se o agravamento da crise econômico-financeira dos países desenvolvidos, o crescimento pífio da economia brasileira e o bom resultado dos países latino-americanos “não bolivarianos”, além, graças a Deus, da China.

Em 2012 o Brasil recepcionou a reunião Rio +20, com ausência dos líderes mais importantes e sem efetivos resultados. Viu-se, também, a histórica discussão do Código Florestal, sem métricas básicas para posições-chave, com retórica vazia de atores de novelas e com campanha “veta Dilma”, com relativo sucesso. O Brasil se tornou o único país do mundo a receber, legalmente, uma série de barreiras à expansão de áreas produtivas, enquanto os países desenvolvidos não tem esse problema que retira capacidade competitiva do agronegócio brasileiro.

Em 2012 vieram, também, as restrições à aquisição de terras por estrangeiros, não na linha do lógico uso e sensatas normas mas, de fato, no susto da crítica da facilidade do aumento de terras em mãos de estrangeiros. É sempre importante lembrar que o Brasil, assim como a Rússia, por exemplo, é um país rico em recursos naturais, não em capital!

Também em 2012 a Petrobrás sofreu um processo de perdas impressionante, com o crescimento de importações gravosas da gasolina, face a redução da oferta de etanol hidratado, a redução do nível de mistura do álcool anidro na gasolina e o enorme aumento de consumo face preços congelados da gasolina, no Brasil, desde 2006!

Em 2012 a produtividade da cana-de-açúcar ficou igual ao obtido no início da década de 1970, constringendo a imagem do produtor brasileiro, reduzindo a capacidade competitiva do agronegócio canavieiro e sujando a matriz energética do país.

Em 2012, a oposição brasileira emudeceu, o processo do mensalão arrebatou a imagem do político brasileiro, o país não cresceu, o setor canavieiro empobreceu, o agronegócio sustentou o país e a política econômica perdeu-se em tentativa e erro, processo no qual foram eleitos vencedores e, no entanto, muitos perdedores sofreram todo o ano.

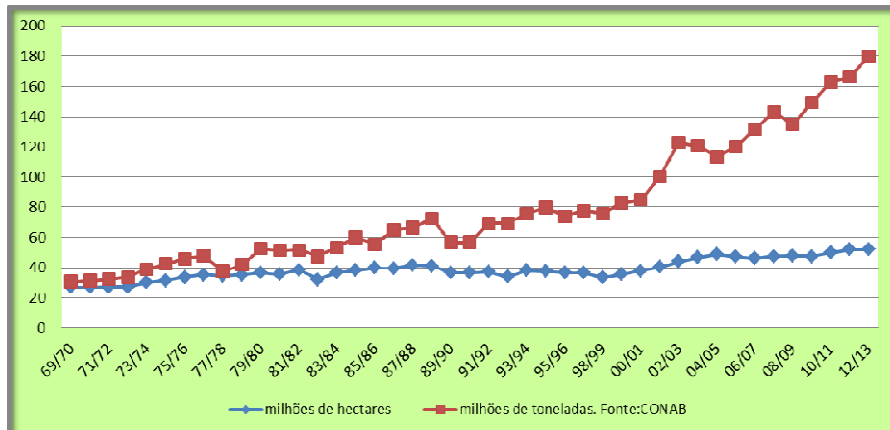
Em 2012, as chuvas caíram em volumes típicos de verão no outono/inverno, criando um impacto antes não lembrado de safras anteriores. Nesse mesmo ano, as chuvas fugiram em setembro/outubro/novembro, gerando impacto positivo na manutenção, mesmo que em nível baixo, na qualidade da cana, com mais produtividade agrícola graças às chuvas de inverno. Mesmo assim, um mau resultado geral no Centro-Sul, com seca no Nordeste e outro ano negativo para os produtores de cana no Brasil.

Por que isso tudo contraria a lógica do destino brasileiro? Por que o brasileiro urbano não percebe a realidade da importância do agronegócio em sua vida? Por que o Governo brasileiro não coloca o agronegócio como prioridade do país?

As análises dos críticos mais elogiados no mundo, citam o fator commodity, seja agrícola ou mineral, como o principal elemento de mudança no Século XXI. Aumento expressivo de população, justamente onde ocorrem ganhos expressivos de renda per capita e onde cresce o processo de urbanização, comandam um crescimento inédito de demanda, cuja respectiva oferta terá enorme dificuldade de atender aquele consumo freneticamente crescente!

Desse modo, teses malthusianas são buscadas nas teias de aranha do passado e alimentam os pesadelos dos pensadores. Para agravar a tensão, a produtividade média da agricultura mundial vem caindo de forma preocupante e poucos são os países que tem áreas para expansão. Isso tudo alimenta o fogo de discussões do tipo “alimentos versus combustíveis”, para o qual o Brasil tem mostrado respostas claras e importantes.

Agronegócio: Evolução da Área Cultivada e Produtividade Agrícola no Brasil



Fonte: Conab

Quais os setores brasileiros que são considerados líderes globais? Qual o setor brasileiro que viabiliza a balança comercial com superávit?

A resposta é simples e é agronegócio! Para ambas as questões.

Por que esperar para investir pesado em logística e infraestrutura para escoar o nosso sustentável e competitivo agronegócio em 2013?

O que vamos esperar para valorizar as externalidades positivas do etanol em 2013?